



EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

Patrícia Ribeiro¹

O teórico alemão Walter Benjamin (1994, 197-198) assinala que a arte de narrar estaria a caminho da extinção, pois se tornam cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente, o que é comprovado quando se observa que ao solicitar que alguém entre um grupo de pessoas narre um fato, logo o embaraço acomete a todos. Assim, as pessoas estariam padecendo de uma “pobreza de experiência” semelhante a que experimentaram os combatentes que retornaram do campo de batalha, na II Guerra Mundial, mudos, “pobres em experiência comunicável” (BENJAMIN, 1994, p.115). Os seres humanos estariam perdendo a faculdade de intercambiar experiências?

Na contemporaneidade, a mudez das pessoas e o declínio da capacidade de discorrer sobre suas preocupações e experiências elementares decorreriam do “monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” e da predominância, na sociedade, do individualismo, da instantaneidade e da exacerbação tecnológica. Em face desse contexto histórico-

¹ Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

cultural, a humanidade estaria fadada, como observa Benjamin (1994, p.115), a reconhecer que a pobreza de experiência não é mais privada, mas característica de todas as pessoas.

Apesar desse quadro desalentador, na contemporaneidade ainda existe espaço para o surgimento de narrativas de experiência, mostrando que o desaparecimento destas é um processo que não se efetivou, ao menos não plenamente como bem mostra a antologia de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Essa obra de Conceição Evaristo é composta por treze narrativas nas quais uma narradora, ouvinte e contadora de histórias, transmite ao leitor as vivências, a “experiência comunicável” (BENJAMIN, 1994, p.115) das mulheres-protagonistas dos contos. Experiência que se mostra ainda mais singular pelo fato de os títulos das narrativas corresponderem ao nome completo das mulheres-protagonistas (conforme ocorre na maioria dos contos de Evaristo, publicados na série *Cadernos Negros*²), o que as particulariza e denota a unicidade do que é narrado.

Sobre a narradora dos contos dessa antologia, nota-se que se trata de uma mulher visto que ela utiliza a expressão “a minha igual” (p.11) em um momento de encontro com uma das mulheres-protagonistas das histórias narradas. Além do gênero feminino, a narradora dos contos também se aproxima ao narrador do tipo marinheiro comerciante, definido por Benjamin (1994, p.198-199) como aquele que no retorno, após uma viagem, tem muito para contar. A esse respeito, a própria narradora dos contos de Evaristo assinala que saiu “pelo mundo afora, puxando a fala das pessoas [...]” (p.74), principalmente a fala de mulheres, como revela o trecho: “[...] aquela era a primeira vez que eu pisava por ali, desde o início de minhas andanças em busca de histórias de mulheres” (p.32).

Embora a narradora-ouvinte demonstre desejo de aproximação às mulheres que relatam para ela suas vivências, suas “experiências comunicáveis” (BENJAMIN, 1994, p.115), como indicam os trechos “E eu,

²Segundo informa Omar da Silva Lima no artigo intitulado *Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente*, os contos de Evaristo encontram-se nos *Cadernos Negros* de número 14, 16, 18, 22, 26, 28 e 30. Artigo disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro>>.

viciada em ouvir histórias alheias [...]” (p.19) e “[...] naquele momento, o meu prazer era o da escuta” (p.39), vale ressaltar que também existe a interferência da narradora nos relatos: “Fale-me algo de você, me dê um mote, que eu invento uma história como sendo a sua...” (p.74) e “Digo, porém, que a história de Natalina Soledad era muito maior e, como em outras, escolhi só alguns fatos. Repito, elegi e registrei, aqui, somente estas passagens” (p.18).

Assim, a narradora-ouvinte desses contos imprime suas marcas, bem “como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1994, p.205), aos relatos das mulheres-protagonistas que serão expostos ao leitor. Nesse sentido, a narradora-ouvinte dos contos de Evaristo deixa seus vestígios no momento da seleção do que será transmitido ao leitor e, desse modo, acredita-se que nela “vive uma Scherazade, que imagina uma nova história em cada passagem da história que está contando” (BENJAMIN, 1994, p.211).

No seu percurso em busca de histórias de mulheres, a narradora-ouvinte depara-se com as histórias de “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” e “Lia Gabriel”, personagens cujas histórias são fortemente marcadas pelo desvelo materno em oposição à ausência paterna e/ou à violência de seus companheiros em relação a elas e aos seus filhos.

Aramides e seu companheiro tinham uma vida estável e plena. A felicidade do casal intensificou-se com o anúncio da gravidez de Aramides: “Desde então, os dois grávidos mais felizes prometeram ser, para repartirem a felicidade com a criança que estava por vir” (p.13). Porém, o contentamento do casal é assombrado por atos estranhos do pai que geram um “mal estar na confiança que Aramides depositava em seu homem” (p.15). Ele, atordoado, volta-se contra sua esposa por meio de atos violentos que a levariam a um aborto, o qual, para sossego de Aramides, não ocorre. Após o nascimento do bebê, o pai demonstra satisfação, entretanto, um dia, em um acesso de fúria e ciúme de seu próprio filho, ele toma o corpo da esposa à força em busca de prazer sexual e, em seguida, os abandona: “Esse homem estava me fazendo coisa dele, sem se importar com nada, nem com nosso filho, que chorava no berço ao lado” (p.18).

De maneira semelhante à história de Aramides, no conto intitulado “Shirley Paixão” também se observa a figura de um pai que se converte em monstro. Shirley e seu companheiro, ambos com filhas de outros relacionamentos, unem-se e constituem uma grande família. Ela tornou-se mãe de cinco meninas, formando “uma confraria de mulheres” (p.26). Pelas suas meninas, Shirley relata à narradora-ouvinte que mataria ou morreria se fosse necessário. E, um dia, matar foi quase preciso para livrar uma das meninas das garras do pai, como conta Shirley à narradora-ouvinte: “Foi com uma precisão quase mortal que golpeei a cabeça do infame. Ao lembrar o acontecido, sinto o mesmo ódio. [...] Se há um arrependimento foi de ter confiado naquele homem [...]” (p.28).

Assim como Shirley, em outro conto, Lia Gabriel protege seu filho da agressão do marido e pai da criança, mesmo que em decorrência disso ela sofra as consequências na própria pele:

[...] ele [o marido] voltou à sala e me trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Aparei meu filho em meus braços, que já sangravam. Não era a primeira vez que ele me agredia [...]. Ele me chicoteando e eu, com Gabriel no colo. E quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar e oferecer as minhas costas e as minhas nádegas nuas ao homem que me torturava. (EVARISTO, 2011, p.87).

Tamanho é o sentimento materno que, para proteger o filho das agressões do próprio pai, Lia usa seu corpo como escudo e recebe em suas costas as chicotadas que o marido lança em direção a ela. As histórias de Aramides, Shirley e Lia, mostram mulheres para as quais a maternidade é primordial e para resguardar seus filhos elas são capazes de sofrer a violência no próprio corpo e até quase matar uma pessoa mesmo que esta seja seu marido/companheiro.

Os contos intitulados “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” e “Lia Gabriel”, assim como outras narrativas de Evaristo, publicadas nos *Cadernos*

Negros, possuem conforme indicam Duarte e Lopes (s/d, s/p)³, uma “intensa dramaticidade e são conduzidos de forma a transpor para a literatura a tensão inerente ao cotidiano dos que estão permanentemente submetidos à violência em suas diversas modalidades”. Essa tensão do cotidiano dos que estão submetidos a distintas formas de violência, velada ou explícita, é expressa tanto nos contos quanto nos poemas (*Poemas da recordação e outros movimentos*) e romances (*Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*) de Conceição Evaristo.

Em oposição às narrativas, citadas, que expõem mulheres que afirmam o arquétipo de mãe como aquela que cuida, nutre e protege seus filhos, o conto “Saura Benevides Amarantino” exprime o conflito de uma personagem, cujo nome dá título ao conto, em relação à maternidade. Saura havia tido uma filha, Idália, fruto de um namoro na juventude. O segundo filho, Maurino, era resultado de sua união, de onze anos, com Amarantino que repentinamente adoeceu e faleceu. A terceira gravidez de Saura foi fruto de um relacionamento fortuito e foi rejeitada por ela, pois segundo relata a personagem à narradora-ouvinte, essa gravidez “intrometeu[-se] na lembrança significativa [do marido, Amarantino] que eu queria guardar” (p.102). Então, Saura, com despreendimento e contrariando o arquétipo materno consolidado no imaginário universal, entrega o bebê, uma menina, ao pai da criança: “A decisão de entregar o bebê para o pai da criança desgostou profundamente a minha mãe. [...] Eu não sentia nada por ela [pela filha]; aliás, sentia sim, raiva, muita raiva” (p.103).

A par dessas narrativas, em outros contos surgem imagens de mulheres que confrontam os preceitos patriarcais, que exprimem suas angústias e receios, porém, conquistam, ou pelo menos chegam perto de seu ideal de felicidade. Entre essas histórias está a de Natalina Soledad que, como seu nome indica, viveu desde a infância uma profunda solidão devido à rejeição dos pais. A personagem trilhou um caminho difícil até o dia em que, decidida, resolve se livrar do nome de batismo, “Troçoieia Malvina Silveira”, que trazia consigo a

³DUARTE, Eduardo de Assis; LOPES, Elisângela. *Conceição Evaristo: literatura e identidade*. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafro>.

carga da rejeição familiar porque esse nome era quase uma reificação da menina. Contudo, os tempos difíceis da infância não a abandonam, pois o novo nome “Natalina Soledad”, escolhido por ela, exprime “a solidão de gente grande que ela experimentava desde pequenina” (p.23).

Ao lado de Natalina Soledad também aparecem imagens de mulheres como Mary Benedita, uma pintora. Mary, na juventude, constata que “queria mais chão, mais céu” (p.62), um horizonte além do que ela vislumbrava na pequena cidade de Manhã Azul. Assim, segue seu percurso, a contragosto dos pais, e ganha o mundo, aprende várias línguas e torna-se pintora.

Nessa antologia, surgem ainda mulheres que ensinam à narradora-ouvinte diferentes formas de perceber o mundo. Mirtes Aparecida Da Luz, cujo sobrenome contraria sua condição (ela é cega), mostra que “um corpo não é só olhos” (p.72). Já Rose Dusreis ensina à narradora-ouvinte a atentar para o que vai “além da visão e da simples escuta” (p.91).

Essas personagens e as demais que compõem o grupo das treze personagens desses contos transmitem à narradora-ouvinte suas “experiências comunicáveis”, indicando que a “pobreza de experiência” (BENJAMIN, 1994) dá lugar ao relato de mulheres sobre seus desafios e venturas. Essas narrativas, como aponta Iris Amâncio (na quarta capa dessa obra), “enunciam gestos, vozes, e letras de mulheres resistentes, insubmissas às pressões e agressões do racismo, do sexismo e das cristalizantes convenções sociais”.

Nesses contos, as lágrimas das mulheres são, tal “como o sorriso e o entoar do *blues*, antídotos para a dor, extraídos do próprio corpo das mulheres” (EVARISTO, 2006, p.114). As personagens dessas narrativas, assim como muitas mulheres com as quais é possível esbarrar pela vida afora, possuem em seu corpo a capacidade geratriz e uma “força motriz” (EVARISTO, 2008, p.18) e tal qual a fênix elas sabem que podem se “lançar ao fogo e da fogueira sair[em] inunda[s]” (EVARISTO, 2008, p.30). As mulheres “concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo” porque suas lágrimas são “insubmissas lágrimas de mulheres”.

Assim, nota-se que com essa antologia, Evaristo aproxima-se da percepção de Alfredo Bosi em relação ao contista, quando o autor afirma que “o contista é um pescador de momentos singulares cheios de significação”, pois ele “explora no discurso ficcional uma hora intensa e aguda da percepção”, tal como, com destreza, faz Conceição Evaristo que, com essas histórias, segundo indica a epígrafe da antologia, segue um eixo de força de sua obra: o traçado de uma “escrevivência”⁴.

Referências bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.114-119.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.

BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 7-22.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, v.4, p.103-116. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis; LOPES, Elisângela. *Conceição Evaristo: literatura e identidade*. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 05 maio 2012.

EVARISTO, Conceição. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane & MACHADO, Charliton (Orgs.). *Mulheres no Brasil: resistências, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2006, p. 111-122.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

LIMA, Omar da Silva. *Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro>>. Acesso em: 05 maio 2012.

⁴ A obra de Evaristo (poemas, contos e romances) é assinalada pelo que ela denomina “escrevivência”, uma vez que seus textos tem vestígios da experiência vivida por ela na sua condição de mulher e negra, como afirma a autora em depoimento a Eduardo de Assis Duarte. A esse respeito ver: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, v.4, p.103-116. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.